CADERNETAS AGROECOLÓGICAS: VISIBILIDADE DO TRABALHO DAS MULHERES INDÍGENAS TREMEMBÉ DA BARRA DO MUNDAÚ, ITAPIPOCA, CEARÁ

Graziele Silvestre De Castro[1]
Lauriane Castro Do Nascimento [2]
Fernanda Schneider [3]

RESUMO

A forma de lidar com a terra, com a produção de alimentos e com a socio biodiversidade e nos mais diversos aspectos culturais, sociais e produtivos, são protagonizadas pelas mulheres indígenas Tremembé através de diversas iniciativas no território. Através da metodologia das cadernetas agroecológicas objetiva-se conhecer as agricultoras indígenas e evidenciar a importância do seu trabalho, sua participação na geração de renda, soberania e segurança alimentar e preservação da agro socio biodiversidade. O trabalho consiste na aplicação da ferramenta político-metodológica “Cadernetas Agroecológicas”, com 5 mulheres indígenas Tremembé da Barra do Mundaú de Itapipoca, em parceria com o CETRA. Foi avaliada a contribuição da produção protagonizada pelas agricultoras indígenas, através das relações de consumo, troca, doação e venda, contabilizados em valores monetários. Ao se fazer o somatório da produção de 6 meses de anotações, obteve-se no total das relações econômicas o valor de R$ 32.240,80, sendo que 41% destes é autoconsumo. Conclui-se que o apoio das agricultoras indígenas na economia familiar e o fortalecimento de renda é muito significativo, além do mérito na segurança alimentar dos seus familiares.

Palavras-chave: agroecologia; mulheres Tremembé; Feminismo.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, Discente, grazielesilvestre200@gmail.com[1]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira , UNILAB, Discente, laurianetremembe@aluno.unilab.edu.br[2]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, Docente, fernanda.schneider@unilab.edu.br[3]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

As Cadernetas Agroecológicas se constituem em ferramenta metodológica com intuito de promover a visibilidade do trabalho das agricultoras, e foi criada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA/ZM) em diálogo com o Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) para monitorização da produção monetária e não monetária das mulheres agricultoras (ALVES et al., 2018). A Caderneta Agroecológica é um recurso a ser apropriado pelas mulheres para visibilizar, valorizar e organizar o seu trabalho (JALIL; CARDOSO E RODY, 2021). De acordo com as autoras, a Caderneta foi desenvolvida, de início, para ser uma ferramenta de formação para promover o empoderamento das mulheres, a partir da visibilidade do trabalho delas. Nela são registrados o que foi vendido, o que foi doado, o que foi trocado e o que foi consumido de tudo o que é cultivado nos espaços de domínio das mulheres, quintais ou agroecossistemas, e está associado ao campo de estudo da Agroecologia. Além da cadernetas agroecológicas, o instrumento prevê a aplicação do questionário socioeconômico.

Para os povos indígenas, a forma de lidar com a terra, com a produção de alimentos e com socio biodiversidade de forma harmoniosa e responsável, sempre regeu suas concepções e modos de vida, permeando, portanto, a agroecologia, que se constitui a partir de experiências como essas. A produção agrícola realizada pelas mulheres indígenas sempre foi pioneiras/revolucionárias antes mesmo dos conceitos de agroecologia e feminismo.

A partir disso, nasce a proposição de aplicação das Cadernetas Agroecológicas com as mulheres indígenas Tremembé da Barra do Mundaú. O preenchimento das Cadernetas Agroecológicas e aplicação do questionário socioeconômico reflete sobre o trabalho das mulheres Tremembé nos quintais produtivos, pois evidencia a importância do trabalho das agricultoras indígenas, sua autonomia e protagonismo.

O trabalho objetiva avaliar a contribuição da produção protagonizada pelas agricultoras indígenas do povo Tremembé da Barra do Mundaú, através das relações de consumo, troca, doação e venda, através da aplicação do Instrumento Caderneta Agroecológica, além de conhecer seu perfil socioeconômico.

METODOLOGIA

A metodologia com as cadernetas agroecológicas foi realizada na Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca-Ceará, a cerca de 170 KM da capital Fortaleza, e possui extensão territorial de 3.580 hectares, localizada no distrito de Marinheiros. Ela é organizada em quatro aldeias, São José, Munguba, Buriti do Meio e Buriti de Baixo, com aproximadamente 165 famílias. No dia 26 de abril de 2023, o território indígena Tremembé foi homologado, conquista esse fruto da luta e resistência protagonizada por lideranças mulheres, que vem incansavelmente trabalhando para que os seus modos de vida e suas existências permaneçam no território.

A experiência das Cadernetas Agroecológicas com as mulheres Tremembé nasce de uma parceria com o Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e à Trabalhadora- CETRA que promove a qualidade de vida do povo Tremembé, favorecendo a segurança alimentar/nutricional e o crescimento em autonomia de famílias indígenas chefiadas por mulheres. Trabalhamos com cinco mulheres indígenas, nas aldeias São José e Munguba, que aceitaram o desafio e o compromisso para com as Cadernetas.

Iniciamos nossa ação, com o planejamento e sensibilização da equipe que acompanharam o processo de anotações e preenchimentos das cadernetas agroecológicas no território e para aplicação do questionário socioeconômico.

Na apresentação da metodologia da Caderneta Agroecológica para as mulheres que iriam participar dessa

ISSN: 2447-6161

experiência, foi feita uma reflexão da importância dessa ferramenta para viabilizar o trabalho enquanto mulheres agricultoras indígenas com a equipe parceira (CETRA), e lideranças do território. Foram realizadas visitas de acompanhamento às agricultoras, para acompanhar o processo de anotações relativas à produção agrícola. As anotações das cadernetas foram relativas à produção agrícola, produção animal, extrativismo, artesanato, processamento de alimentos, fonte de renda e outras atividades relevantes do trabalho destas. Os dados sistematizados e apresentados neste trabalho são referentes aos meses de fevereiro a julho de 2024.

Houve também a aplicação do questionário socioeconômico para compreender quem são essas mulheres e onde atuam na produção a partir de suas visões, que reflete o trabalho nos quintais produtivos. As informações coletadas foram: Unidade familiar, escolaridade, o acesso a políticas públicas e aos mercados, tecnologias sociais e políticas, extrativismo (vegetal e animal), fonte de renda, participação em espaços coletivos de organizações coletivas, condições de acesso à bens naturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário Sócio econômico visa conhecer as cinco mulheres agricultoras da pesquisa e sua participação política. Todas as mulheres revelaram ter companheiros, sendo duas com união estável e três casadas. Todas possuem DAP (Declaração de Aptidão ao PRONAF) ou CAF (Cadastro Nacional da Agricultura Familiar), o documento que identifica e qualifica as Unidades Familiares de Produção Agrária - UFPA - e suas formas associativas organizadas em pessoas jurídicas, e que dão acesso às Políticas Públicas para Agricultores e Agricultoras Familiares. O CAF substituiu a DAP a partir de novembro de 2022. As entrevistadas acessam políticas públicas, das quais todas recebem Bolsa Família, quatro participaram do Programa de Cisternas e de Primeira Água, três do Garantia Safra e uma do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).
Em relação ao acesso a mercados, todas realizam vendas em casa, além das vendas na comunidade, local este que apenas uma informou não utilizar. Tais dados reforçam a importância dos circuitos curtos de comercialização (CCC) para a segurança alimentar dos territórios, conceito este que indica uma aproximação entre produtores e consumidores (Darolt et al. 2013). A organização social também foi comprovada, pois todas participam de algum tipo de espaço de organização coletiva, como associação.
Diante dos resultados, as agricultoras atuam nos diversos espaços, sejam eles políticos, culturais, sociais e produtivos, são as mulheres indígenas Tremembé quem protagonizam as iniciativas das ações, demonstrando-se essenciais para a referida identidade no território.
Os registros diários nas cadernetas agroecológicas permitiram perceber a variedade de alimentos, plantas e sementes que as famílias cultivam e consomem, percebendo a grande diversidade e variedade de produtos advindos da produção das agricultoras que existe nos quintais produtivos e no território como um todo. A figura 1 apresenta os dados em valores monetários das Cadernetas Agroecológicas por meio da relação econômica de seis meses, fevereiro a julho. Totalizou-se um valor monetário equivalente R$32.240,80, divididas em quatro categorias , onde o consumo representou 41%, doação 19%, troca 1% troca e venda 38%. Através dos dados percebe-se que as agricultoras indígenas geram uma renda significativa. Considerando essas relações, o consumo chama a atenção como a maior destinação, denotando a forte autonomia e soberania alimentar dessas famílias.

Figura 1: Porcentagem dos valores monetários por relação econômica (Consumo, Doação, Troca e Venda) das agricultoras indígenas Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca, coletados nas Cadernetas Agroecológicas,

ISSN: 2447-6161

em 6 meses de anotações.

Esses resultados sinalizam a importância das mulheres na geração de renda e para a produção de alimentos para o consumo da família, além da parcela significativa que é doada à comunidade. Produtos esses que garantem e fortalecem a agricultura familiar do território. Importante resgatar a informação de que a venda dessas mulheres se dá no território, e que corresponde a 38% do total produzido, o que reforça a soberania alimentar proporcionada.

Após a sistematização e análise dos dados, foi realizado um momento de diálogo e partilha das experiências com as cadernetas agroecológicas com as mulheres indígenas tremembé e a equipe parceira (CETRA), e lideranças do território, como o objetivo de fazer essa reflexão da importância do trabalho da mulher e de sua contribuição na geração de renda familiar a partir dos dados apresentados, e evidenciar a importância dos trabalhos das mulheres agricultoras tremembé, na sua autonomia e no seu protagonismo.

CONCLUSÕES

É importante ressaltar as múltiplas funções exercidas pelas cinco agricultoras indígenas. Os dados apresentados evidenciam a contribuição econômica das agricultoras indígenas, afirmando a sua importância para a agricultura familiar e para a economia através do trabalho realizado pelas mulheres para a produção do bem viver.

Através desse instrumento metodológico, Cadernetas Agroecológicas e do questionário socioeconômico com as agricultoras indígenas Tremembé, foi possível evidenciar e viabilizar o trabalho das agricultoras como sendo elas as grandes protagonistas das ações desenvolvidas dentro e fora do território. Assim, a Caderneta tem se mostrado uma importante ferramenta de dimensionamento e visibilidade da produção, por meio dos modos de produção, saberes, sabores e geração de renda dessas mulheres

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a PROEX pelo fomento e incentivo à extensão universitária na UNILAB. E nosso profundo agradecimento às agricultoras Indígenas Tremembé da Barra do Mundaú pela experiência e todos aqueles que participaram e contribuíram de alguma forma com o projeto.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. M.; ALVARENGA, C.; CARDOSO, E.; CASTRO, N.; SAORI, S.; TELLES, L. Caderneta agroecológica e os quintais: Sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil. Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, Minas Gerais, 2018.

DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDEMBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. Agriculturas, 10(2), 2013.

JALIL, L.; CARDOSO, E.; RODY, T. As Cadernetas Agroecológicas e a Construção do saber feminista. In: RODY, T.; TELLES, L. (orgs.) Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas. Viçosa, MG : Editora Asa Pequena, 2021.

ISSN: 2447-6161